

O homem e a técnica

RÜDIGER, Francisco.

Martin Heidegger e a questão da técnica.

Porto Alegre: Sulinas, 2006, 247 p.

por Valéria Marcondes¹

Martin Heidegger e a questão da técnica é fruto da pesquisa e análise iniciada por Francisco Rüdiger em *Elementos para a crítica da cibercultura e Introdução às teorias da cibercultura*. É fruto também de curso ministrado pelo professor, no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da PUC do Rio Grande do Sul. Como jornalista, mestre em filosofia e doutor em comunicação, Rüdiger preocupa-se com a fortuna de uma sociedade dominada cada vez mais por um pensamento tecnicante e mecanicista, acompanhado pelo avanço tecnológico, e que propõem ao ser humano a possibilidade de sua própria e responsável extinção. Assim, a crença corrente de que cada um sabe o que é o homem, a ponto de nem perguntar, é posta em questão pelo avanço das tecnologias. Saber o que é o homem é uma pergunta para a qual poucas respostas são conhecidas, mas que Martin Heidegger buscou responder ao longo do seu percurso filosófico.

Por meio de um resgate histórico-filosófico e acima de tudo crítico da obra de Heidegger, o autor pensa o futuro do homem no contraponto do “imperialismo tecnológico”. Para tanto, Rüdiger encontra inspiração em pensadores como Nietzsche, Castoriadis e outros, retomando idéias fundamentais como o além-homem de Nietzsche e as pretensões tecnológicas de uma sociedade de autômatos, criticada por Castoriadis.

Tal como Heidegger, Francisco Rüdiger não pensa em termos de otimismo ou pessimismo os progressos tecnológicos. Seu trabalho é de reflexão cuidadosa sobre a “alienação maquinística” e o destino do homem, “agora que o ente passou a ser cada vez mais interpelado pela

1 Mestre em Comunicação pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC-RS).

armação e se encontra sujeito a um imperialismo tecnológico tornado planetário” (p. 230).

Rüdiger não faz relato sem críticas. Sua análise acerca do futuro do homem em Heidegger é baseada em extensa bibliografia, o que permite ao autor não apenas ratificar a obra de Heidegger. E não é esse mesmo o objetivo de *Martin Heidegger e a questão da técnica*. Segundo o próprio autor, o trabalho pretende

examinar criticamente se é o caso, de que modo e até que ponto o seu pensamento [heideggeriano] sobre a técnica anuncia e, assim, ajuda a esclarecer histórica e filosoficamente a fortuna desse homem pelo qual a filosofia, embora sem tê-lo definido bem, já se pronunciou com suspeita há mais de duzentos anos, remetendo seu destino às circunstâncias do mundo que se descortina diante de nossos olhos com a chegada à maturidade da tecnocultura (p. 13).

A tecnologia, em si mesma, não tem qualquer problema. O problema está no futuro do homem diante do mundo maquinístico; está no nosso modo de sermos humanos, já que nossa consciência é serva da técnica, o que impossibilita negociar com ou contra ela. A técnica, por sua vez, não é somente operatória e científica: “a essência da técnica não é absolutamente nada de técnico”, diz Rüdiger, possui um cunho metafísico. Ela é inseparável da dimensão imaginária, irreduzível ao plano racional e maquinístico. Para Heidegger, “a tecnologia é uma forma de pensamento, cuja essência é metafísica e o sentido é veicular o império da vida social privada de alma ao conjunto da existência coletiva” (p. 229).

Com um realismo filosófico crítico, o livro nos convida a pensar a questão da técnica e o destino do homem no mundo por meio de exemplos cotidianos que demonstram descaso e ironia do homem com o próprio ser e com o mundo. Exemplos estes que nada têm de técnico, mas que têm a técnica subjacente e que dela se alimentam num contínuo, como se fosse a técnica a determinante na solução dos problemas da humanidade. Rüdiger resume:

A tecnologia veicula ou articula o modo de ser da humanidade, quando sua essência tende a desapropriá-la da possibilidade de pensar seu modo

de ser e, assim, a bloquear o caminho que lhe permitiria dispor de outras formas de existência que não as tecnológicas e maquinísticas (p. 46).

A técnica pode não ser o problema em si, porém não é neutra, pois nada que procede do homem é neutro. Os benefícios e prejuízos da tecnologia são revelados com ela, não apenas veiculados por ela. Exemplos do pensamento tecnológico.

Talvez, a aparente neutralidade que a técnica gera em torno de si e que o ser humano acolhe com avidez, a fim de poder continuar encantado com a técnica, seja a última ilusão oriunda da icionais, [nossa] vontade de vontade (p. 7-8).

A dialética de Heidegger mostra-se em várias passagens: “[...] pode ser também que a destruição – a anulação – na qual o homem é posto sem o saber pela técnica dita neutra, seja um bem, na medida em que ela revela à plena luz o vazio de sentido do existente” (p. 7).

Mas o que é o homem, o que é a técnica? Questões inseparáveis para Heidegger, já que o elemento tecnológico baseia-se no conhecimento humano, na cultura, na dimensão simbólica. Sua essência envolve subjetividade, fantasia, o não-racional, o imaginário tecnológico. Homem e técnica interagem pela dialética existente entre ambos, sendo que esta é o saber posto em prática, e o elemento criador deste saber é a cultura. A técnica está no homem e na sua interação com o mundo.

Na leitura de Heidegger, Rüdiger percebe a tecnologia como uma forma de revelação da existência, uma forma de pensamento e posicionamento, um princípio de construção do mundo, um modo de ser do homem em dadas condições. A técnica, porém, suplanta o homem. Tende a ser aquilo que determina a vida e as escolhas, pondo em risco a própria existência humana.

A principal prova disso encontrar-se-ia no fato de que, nessa era tecnológica, tornamo-nos, nós mesmos, elemento de reserva ou peça de reposição do processo de produção do real. A armação está instalada em nossa essência, ocupa um lugar que pertencia apenas ao ser humano, a tal ponto que o ser não mais se reconhece, ou tende a se interpelar unicamente como maquinismo (de trabalho, de consumo, de auto-satisfação) (p. 45).

O perigo que se corre com o império da armação é o completo esquecimento do que é o ser humano, ou ainda o próprio fim dele, tal como o conhecemos historicamente.

Heidegger preocupa-se em esclarecer filosoficamente a questão da técnica, e não em respondê-la, porque, para ele, pensar a questão da técnica sem a pretensão de defini-la significa não ser filósofo da técnica ou dela prisioneiro. Longe de prisioneiro da técnica, mas de um ângulo privilegiado, em *Martin Heidegger e a questão da técnica*, Rüdiger apresenta uma leitura dialética sem a ambição ou o compromisso de trazer soluções ao futuro do homem: oferece ao leitor subsídios para pensar o império da armação de outras formas, que não a técnica.